



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/FRANCÊS

MARCELA DOS SANTOS PEREIRA  
VALDINEIA FERNANDES FERREIRA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE: RELAÇÃO COM OS  
POVOS INDÍGENAS KARIPÚNA**

**Oiapoque/AP  
Setembro/2019**

MARCELA DOS SANTOS PEREIRA  
VALDINEIA FERNANDES FERREIRA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO MUNICÍPIO DE OIAPOQUE: RELAÇÃO COM OS  
POVOS INDÍGENAS KARIPÚNA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito final para obtenção do grau de  
Licenciatura Plena em Letras  
Português/Francês, pela Universidade Federal  
do Amapá- UNIFAP.  
Orientador: Prof. Esp. Max Silva do Espírito  
Santo.

**Oiapoque/AP  
Setembro/2019**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE  
COLEGIADO DE LETRAS

ATA DE DEFESA DO TCC

No dia 21 de Setembro de dois mil e dezenove, na sala E 2 da Universidade Federal do Amapá – Campus Binacional de Oiapoque, foi instalada a comissão formada pelos docentes abaixo descritos, e realizada a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de artigo científico, requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Letras, do(a) acadêmico(a) Márcia da Santa Pereira,  
Waldemir Leonardo Almeida

regularmente matriculado no curso de Licenciatura em Letras. O trabalho intitulado Variação Linguística no Município de Oia-  
poque: Falação com os povos indígenas Kadipina

sob a orientação do(a) docente Marcelo Silva do Espírito Santo

foi apresentado após a abertura da sessão que foi feita pelo presidente da banca o (a) professor (a) Marcelo Silva do Espírito Santo. Após a abertura foi realizada a apresentação do TCC pelo (a) acadêmico (a) em 20 minutos. Em seguida, a banca fez as considerações sobre o trabalho e reuniu-se para fazer a somatória das notas. Ao final foi atribuída a nota 2,5 (Boa) e a aprovação do trabalho. Sem mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão às 17 horas e 30 minutos, e lavrada a presente ata que segue assinada por todos.

Oiapoque, 21 de Setembro de 2019.

Banca examinadora:

- 1) Marcelo Silva do Espírito Santo  
Presidente da Banca
- 2) Luiz Carlos dos Santos  
Avaliador 1
- 3) [Assinatura]  
Avaliador 2

8“A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado.”  
Saussure (1997).

## RESUMO

Tendo em vista o município de Oiapoque como uma localidade de fronteira e também rodeada de aldeias indígenas, este artigo tem como finalidade demonstrar através de dados coletados, os substratos indígenas da língua crioula, ocorrente dentro do município especificamente falada pela etnia Karipuna. É notória a existência de falares procedentes desta língua dentro do município citado, por isso a importância de se levar em consideração esta manifestação linguística, tomando-a como assunto para ser discutido e também a ser pesquisado. A metodologia aplicada neste trabalho foi dividida em: Análise bibliográfica, tomando por norte o ALAP (Atlas Linguístico do Amapá) para observar se as variações locais seriam encontradas, já que o atlas é um material que versa sobre as variedades do estado do Amapá, no qual o município de Oiapoque está inserido; foram realizadas coletas de áudios, através de entrevistas gravadas na localidade de Oiapoque que serviu de base para esta pesquisa; Após isso foram feitas as devidas transcrições semântico-lexicais para uma tabela de registros. Como mencionado acima, as principais bibliografias consultadas foram: BAGNO (2015), RAZKY, RIBEIRO E SANCHES (2017), TOBLER (1983). Espera-se ter contribuído de forma significativa para compreensão desses fenômenos morfológicos (lexicais) das variantes locais existentes no município e que elas possam ser devidamente catalogadas e terem suas origens devidamente conhecidas.

Palavras-Chave: Sociolinguística. Variação linguística. Oiapoque. Crioulo Karipuna.

## RÉSUMÉ

En considérant la municipalité d'Oiapoque comme une ville frontière et également entourée de localités autochtones amérindiennes, cet article vise à démontrer à travers des données collectées, le substrat amérindiennes de la langue créole, présent dans la municipalité spécifiquement parlée par le groupe ethnique Karipuna. Il est notoire qu'on parle cette langue au sein de la municipalité citée. Il est donc important de prendre en compte cette manifestation linguistique, en la considérant comme un sujet à débattre et à rechercher. La méthodologie appliquée dans ce travail a été divisée en: Analyse bibliographique, dans laquelle l'A.L.A.P (Atlas Linguístico do Amapá) est dirigé vers le nord pour déterminer si les variations locales sont détectées, l'atlas étant un document qui traite des variétés de l'État d'Amapá, la municipalité d'Oiapoque est insérée; les audiences ont été rassemblées à travers des interviews enregistrées à Oiapoque, qui ont servi de base à cette recherche; Après cela, les transcriptions sémantico-lexicales nécessaires ont été effectuées pour une table d'enregistrement. Comme mentionné, les principales bibliographies consultées sont: BAGNO (2015), RAZKY, RIBEIRO ET SANCHES (2017), TOBLER (1983). On espère avoir contribué de manière significative à la compréhension de ces phénomènes morphologiques (lexicaux) des variantes locales existant dans la municipalité et à ce qu'ils puissent être correctement catalogués et que leurs origines soient dûment connues.

Mots-clés: Sociolinguistique. Variation linguistique. Oiapoque.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Langue x parole

Tabela 2 – Sete palavras em língua crioula karipuna e suas devidas traduções em português

Tabela 3 – Palavras em língua crioulo karipuna e suas devidas traduções segundo os informantes

Tabela 4 – Dados dos informantes

Tabela 5 – Palavra “axte”

Tabela 6 – Palavra “bofi”

Tabela 7 – Palavra “djilo”

Tabela 8 – Palavra “lajã”

Tabela 9 – Palavra “madam”

Tabela 10 – Palavra “mãje”

Tabela 11 – Palavra “muxe”

Tabela 12 – O caso especial da palavra “bofi”

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero dos informantes

Gráfico 2 – Faixa etária dos informantes

Gráfico 3 – Profissão dos informantes

Gráfico 4 – Tempo de moradia dos informantes

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
2.1 PÚBLICO-ALVO.....	11
2.2 INSTRUMENTO.....	13
2.3 PROCEDIMENTO.....	14
<b>3 DA LINGUÍSTICA MODERNA À SOCIOLINGUÍSTICA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>15</b>
3.1 AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS.....	18
<b>4 KARIPUNA DO AMAPÁ.....</b>	<b>19</b>
4.1 OS KARIPUNAS: POVOS INDÍGENAS DO AMAPÁ.....	19
4.2 A LÍNGUA FALADA PELOS KARIPUNAS.....	20
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS.....</b>	<b>22</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>27</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos da linguística moderna surgem através do manual chamado *Curso de Linguística Geral* e este manual atribuiu a Ferdinand de Saussure o título de precursor em relação a tais estudos. O autor postula em seu livro uma das famosas dicotomias saussurianas: “Langue x Parole” (Língua x Fala). A dicotomia citada deu início aos estudos sobre a língua e a sociedade: Sociolinguística. Tais estudos linguísticos no extremo norte do Brasil vêm ganhando singularidade e destaque para estudiosos da área, por conta da diversidade linguística a qual compõe esta região. No município de Oiapoque pode-se observar uma grande variação linguística por influência da fronteira com a Guiana Francesa e as aldeias indígenas presentes no seu entorno.

O município foi criado em 23 de maio de 1945 através da Lei nº 7.578, mas até esse dia o caminho foi longo. Segundo Costa (2010) o navegador Vicente Pinzón trafegava com intensidade este rio e por determinado período, o rio foi denominado com seu nome, que futuramente seria chamado de Rio Oiapoque. A história também remonta os diversos embates (conflitos) ocorridos em meados do século XVII entre portugueses e franceses, conflitos que não parariam por aí.

Segundo Soares (2011) em 1811, os portugueses assinam o tratado de Utrecht, tratado este que estabeleceu o rio Oiapoque como limite entre o Brasil e Guiana Francesa. Mesmo com este tratado, as divergências entre os franceses e brasileiros continuaram até 1900. As divergências acabaram após o Laudo Suíço que finalmente fez cessarem as disputas e brigas pela fronteira, defendido pelo diplomata José Maria da Silva Paranhos, também conhecido como Barão do Rio Branco.

Segundo Moraes & Moraes (2007) o nome do município de Oiapoque tem origem tupi: “*oiapoca*” que significam “casa dos Uayãpis (Waiãpi)”. Embora o município neste ano de 2019 tenha completado já seus 73 anos de emancipação política, os mais antigos da cidade por vezes, ainda lembram com carinho do antigo nome desta localidade. Segundo Conte (2007), o nome da região se chamava anteriormente de Martinica, por homenagem ao primeiro habitante não indígena no município que se chamava Émile Martinic.



Nesta mesma direção Carlo Romani (2010, p.148) afirma que o nome anterior da localidade não seja apenas lembrado pelos antigos moradores de Oiapoque, mas que é marcado também pelos moradores do lado guianense:

A lenda sobre Martinica é muito poderosa e persistente. Muitos mapas atuais da Guiana Francesa ainda se referem à cidade de Oiapoque com o nome de Martinique. Outras cartas grafam ambos os nomes Oyapock, ex-Martinique.

O município de Oiapoque recebe com muita frequência a presença dos guianenses e franceses em busca de conhecer os pontos turísticos locais e o brasileiros também mantêm contato intenso com a cidade de Saint-Georges, Guiana Francesa, em busca de produtos mais baratos e Moraes & Moraes (2007, p.106) afirmam:

No Oiapoque, o contato permanente entre franceses e brasileiros (...) em virtude das vantagens nos preços e na qualidade dos produtos, os oiapoqueenses habituaram-se a fazer compras no lado francês, principalmente de eletrodomésticos, além de bebidas como vinho e uísque.

Além da presença dos turistas, grande parte dos habitantes da região são sucessores dos povos Waiãpi, Galibi e Palikur em grande escala na terra atualmente chamada de Uaçá e suas comunidades. Diante aos raros materiais que versem sobre as variações linguísticas do município de Oiapoque, variações que são de origem indígena, este trabalho visa primordialmente coletar dados que objetivam de fato à colaboração aos estudos sociolinguísticos desta região, mostrando que existem variações específicas e que podem ser estudadas com mais vigor.

Têm-se como objetivos gerais deste trabalho: Registrar a presença de algumas palavras indígenas provenientes do crioulo Karipuna que estão em contato diário no município de Oiapoque; Demonstrar a presença de palavras através de coleta de dados e; produzir transcrição semântico-lexical das palavras coletadas na entrevista. E objetivos específicos: Refletir sobre questões de variação linguística presente no município de Oiapoque/AP; analisar os dados coletados e; contribuir para os estudos linguísticos do município de Oiapoque/ AP.

Existem diversas expressões que são comumente utilizadas tanto no município de Oiapoque, quanto nas aldeias indígenas da etnia Karipuna, entretanto

este trabalho focará em mostrar apenas sete palavras recorrentes. Como Vidal (2007, p. 15) demonstra a seguir na citação, sobre a relação da aldeia Manga (Etnia Karipuna) com a cidade:

Há décadas os povos indígenas da região mantêm contatos freqüentes com os moradores das cidades de Oiapoque, especialmente, e de Saint-Georges, na Guiana Francesa, onde vendem seus produtos agrícolas. A relação dos índios com a cidade de Oiapoque, entretanto, não é apenas comercial, já que participam ativamente da vida pública do município.

A variação regional do município de Oiapoque já foi motivo de objeto de estudos e parte de produção do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP), sendo que o mesmo não se ocupou em catalogar sete expressões da língua crioula que são ocorrentes no município, caso este, que constitui objeto desta pesquisa, pois tais variantes são consideradas como meio de comunicação frequentemente utilizadas entre os indivíduos desta região e por isso devem ser valorizadas.

Após a introdução, segue-se com o primeiro capítulo do desenvolvimento deste trabalho, que apresenta o procedimento metodológico. O segundo se encarrega em apresentar um breve percurso sobre o início dos estudos linguísticos na área da linguística moderna avançando até os estudos da sociolinguística e seus principais autores. Ainda neste capítulo é explanado também sobre as variações linguísticas e suas definições, assunto que norteia os estudos aqui realizados.

O terceiro capítulo do desenvolvimento trata especificamente do povo Karipuna do Amapá, a fim de conhecer os povos que trazem esta variedade linguística. Ainda neste capítulo, se fala sobre a importante questão da língua dessa população, que é bastante discutida por estudiosos da etnolinguística, sociolinguística, dialetologia, fonética e fonologia. Foi dedicado à análise e discussão dos dados coletados, o último capítulo do desenvolvimento. E por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas que foram usadas para embasamento teórico deste trabalho.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 PÚBLICO-ALVO

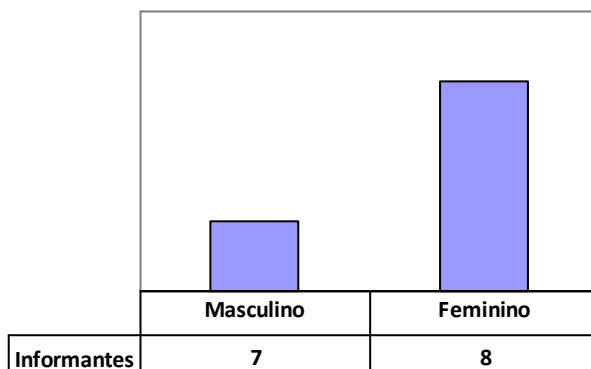
O corpus da pesquisa que originou este trabalho é composto por dados de quinze informantes, sendo eles indígenas e não indígenas que moram em Oiapoque. As variáveis sociais consideradas para a escolha dos informantes foram: sexo, faixa etária, tempo de moradia e profissão, selecionadas da seguinte forma:

- Sexo: feminino e masculino;
- Profissão: Diversas.
- Requisitos de tempo de moradia no município: De preferência ter nascido e ter sido criado no município e/ou morando há mais de quinze anos no município;
- Faixa etária: a partir dos dezoito anos e menor de 65 anos;

Sobre o requisito de tempo de moradia, foi muito importante para a aplicação da entrevista através de coleta de áudio, pois o informante deve ter uma experiência mínima com os demais habitantes da cidade, e o tempo é relativamente essencial, já que são necessários a experiência e o contato linguístico.

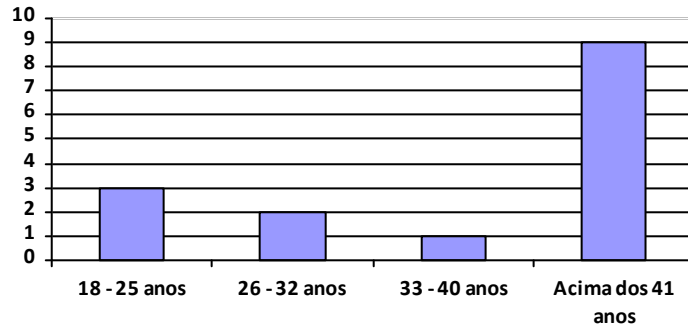
Quanto ao gênero:

*Gráfico 1 - Gênero dos informantes*



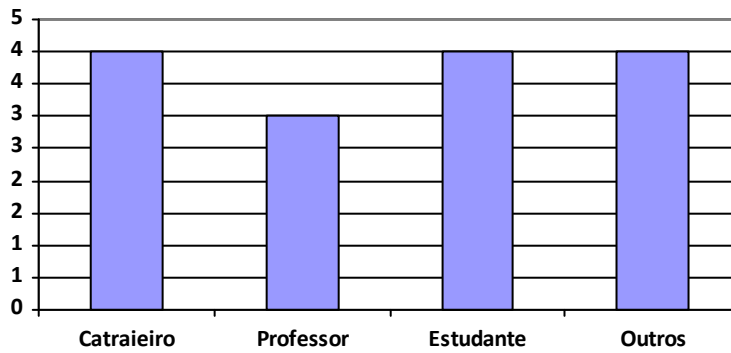
Quanto à faixa etária:

Gráfico 2 - Faixa etária dos informantes



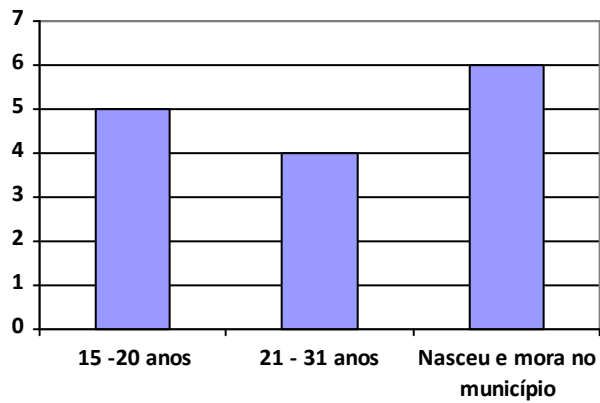
Quanto à profissão:

Gráfico 3 - Profissão dos informantes



Quanto ao tempo de moradia no município:

Gráfico 4 - Tempo de moradia dos informantes



## 2.2 INSTRUMENTO

A metodologia se preocupa em descrever os procedimentos de coleta e análise dos dados, que levam à obtenção dos resultados. Sendo assim este trabalho teve a função de analisar a existência das variações ocorrentes no município de Oiapoque, e em seguida iniciou-se as coletas das sete principais palavras oriundas da língua indígena em questão, baseado no dicionário criado por Adolf Tobler em 1983. O estudo foi desenvolvido também, a partir de pesquisa bibliográfica e descritiva, que buscou compreender e refletir questões da variação diatópica que influencia tal variedade do município de Oiapoque, nas perspectivas teóricas de Marcos Bagno e análise na metodologia do ALAP.

Dentre as escolhas metodológicas deste trabalho:

a) Quanto aos objetivos da pesquisa: Segundo Lakatos e Marconi (2001), classificação cujos objetivos são: pesquisa exploratória, descritiva e exploratória. Os objetivos deste trabalho foram alcançados em base à pesquisa descritiva. Segundo Gil (1999) a finalidade principal desta pesquisa é descrever características de certa população ou fenômeno e este trabalho tem o objetivo de apresentar as sete palavras oriundas da língua crioula karipuna, que são recorrentes no município de Oiapoque.

b) Quanto à natureza da pesquisa existem duas classificações: qualitativa e quantitativa; um misto dos dois pode acontecer. Este trabalho se encaixa na mistura das duas naturezas. A parte qualitativa desta pesquisa tem como natureza esclarecer o fenômeno da variação linguística que ocorre no município citado e de acordo com Oliveira, a característica da natureza que nela:

"O "significado" que as pessoas dão às coisas e à sua vida é foco de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a "Perspectiva dos participantes", isto é, examinam-se como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas." Oliveira (2011, p. 25)

Existe uma ligação forte entre os objetivos descritivos com a natureza qualitativa segundo Oliveira (2011), pois o material a ser coletado sempre contém descrição de pessoas, fenômenos, acontecimentos, etc.

A parte quantitativa desta pesquisa surge na produção específica dos dados em forma de gráficos e tabelas que serviram para explicitar a coleta de dados e as informações de forma exata. Malhotra explicita a definição:

“A pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”  
Malhotra (2001, p. 155)

## 2.3 PROCEDIMENTO

A coleta de dados desenvolveu-se em sete etapas:

- 1º etapa: Observação das variantes locais (observação direta intensiva);
- 2º etapa: Anotação das variantes mais utilizadas na cidade;
- 3º etapa: Preparação para a entrevista em forma de áudio a ser aplicada;
- 4º etapa: Aplicação da entrevista;
- 5º etapa: Análise dos dados;
- 6º etapa: Transcrição dos dados coletados na tabela demonstrativa das palavras;
- 7º etapa: Produção de tabelas comparativas e semântica-lexicais das palavras que foram coletadas na entrevista.

A primeira etapa da coleta de dados foi a observação. Foi nesse momento que houve a constatação da existência de palavras indígenas (especificamente da língua crioula Karipuna) em circulação no município de Oiapoque. A segunda etapa já em vista a certeza da existência das palavras utilizadas na cidade, iniciou-se a seleção de sete palavras, para que não ficasse amplo demais, o recorte do estudo ocorreu a preparação para a coleta de dados, que seria realizada através de gravações de áudio. Aconteceu a preparação do roteiro para a entrevista, a terceira etapa. A quarta etapa foi de suma importância, pois foi através desta etapa que se pôde mensurar a intensidade do uso de algumas

palavras de origem indígena no município de Oiapoque com gravações de áudios que foram realizadas em lugares de acordo com a disponibilidade dos entrevistados.

A quinta etapa foi análise dos áudios gravados, onde pôde-se ter certeza que existe de fato a variação linguística de forma presente tanto quanto ocorrente na cidade. Sexta etapa: transcrição dos áudios, iniciou-se a criação de tabelas com os dados coletados, tabelas que norteiam quais palavras de origem crioula estão presentes no dia-a-dia do povo oiapoqueense. E na sétima etapa, com o intuito de organizar as palavras para que sejam realizadas comparações e análise semântico-lexical de cada uma das sete palavras definidas para a realização da pesquisa.

### 3 DA LINGUÍSTICA MODERNA À SOCIOLINGUÍSTICA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos linguísticos modernos deram partida com o suíço Ferdinand de Saussure, o pai da linguística moderna. Os estudos sociolinguísticos iniciaram a partir de conceitos primordiais sobre língua x fala: uma das principais dicotomias saussuriana. Em seu famoso manual *Curso de Linguística Geral*, Saussure salientou que “a linguagem tem um lado individual e um lado social” (2006, p.16).

Tabela 1 – Langue x Parole

Língua (Langue)	Fala (Parole)
Aspecto social	Aspecto individual

O manual *Curso de Linguística Geral* foi uma obra póstuma organizada por discípulos de Saussure: Charles Bally (1865-1947), Albert Séchehaye (1870–1946) e com a colaboração de Albert Riedlinger. Gomes (2011), no segundo capítulo do livro *Metodologia do ensino de língua portuguesa*, explica claramente sobre a famosa dicotomia Língua x Fala ou originalmente os termos “*Langue x Parole*” e bem explicita a relação de língua, fator social pertencente a todos os falantes de uma comunidade linguística e a fala, como um fator individual, imprevisível, heterogêneo.

Pode-se observar que nos estudos saussurianos não se estuda a língua (*langue*) junto com o fala (*parole*). Saussure (2006, p. 31) conceitua língua como “um sistema que conhece apenas sua ordem própria”, uma determinação em que os atos de fala se mostram como um objeto abstrato e isolado aos seus estudos.

Mussalim & Bentes (2012, p. 25) trazem considerações fundamentais sobre a relação entre linguagem e sociedade no âmbito ótico do século XX:

Isto é, embora se admita que a relação linguagem-sociedade seja evidente por si só, é possível privilegiar uma determinada ótica, e esta decisão repercute na visão que se tem do fenômeno linguístico, de sua natureza e caracterização. Nesse sentido, a linguística do século XX teve um papel decisivo na questão da consideração da relação de linguagem-sociedade: é esta que se encarrega de excluir toda consideração de natureza social, histórica e cultural na observação, descrição, análise e interpretação do fenômeno linguístico.

Os estudos linguísticos modernos iniciaram-se no século XX, e logo em seguida, as observações de língua x sociedade, através de análises de alguns estudiosos como: Antoine Meillet, Émile Benveniste, Roman Jakobson, Mikhail Bakhtin e outros que se preocuparam em estudar mais intensamente sobre o objeto de estudo da linguística e a sua relação com a sociedade. Estudos como estes serviram para mostrar que a língua é produto social. Estudar a língua apenas na forma escrita já não tinha mais condições e os falantes são quem de fato fazem a mudança da língua através de suas necessidades linguísticas.

Bagno (2007, p. 28) inicia o livro *Nada na língua é por acaso (por uma pedagogia da variação linguística)* trazendo considerações iniciais sobre os estudos sociolinguísticos que norteiam este trabalho:

A sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada. O estudo da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado, sobretudo por William Labov (nascido em 1927), que se tornou o nome mais conhecido na área.

A partir de 1960, as pesquisas de William Labov começaram a ter resultados, no sentido de língua x classes sociais, mais especificamente nas variedades da língua inglesa não padrão, e a sua principal defesa à questão sociolinguística é primordialmente de não aceitar o termo “deficiência linguística” para explicar fenômenos das variações que existem em uma determinada



comunidade, classe social e/ou econômica. Labov (2008, p.259) também foi um dos linguistas que não defende a ideia de “homogeneidade linguística” que Saussure tanto defendeu e ele diz: “estudar empiricamente as comunidades de fala”.

A sociolinguística trata do estudo da linguagem relacionado à sociedade, se a sociedade está em mudança constante, logo a necessidade linguística também acompanha. A gramática apresenta regras na forma escrita e sem variações, enquanto a fala é diferente, mesmo que siga na maioria das vezes padrões de organização sintática, não se deve considerar que exista a homogeneidade no âmbito oral de comunicação. Segundo Lyons (2013, p.19), a homogeneidade linguística é: “a crença ou pressuposição de que todos os membros de uma mesma comunidade linguística falem exatamente a mesma língua”, o que é lenda aos linguistas e aos que estudam sociolinguística, pois não é fato. Os estudos sociolinguísticos em relação às variações servem para nortear e compreender as mudanças na língua, e mesmo que seja comum na sociedade o “*preconceito linguístico*” como Bagno diz em diversos capítulos de seu livro sobre o julgamento da sociedade em relação às variantes ocorrentes.

(...) De fato, parece que existia uma lacuna importante na bibliografia brasileira sobre questões de linguagem: livros escritos de forma acessível aos não especialistas (e a futuros especialistas) que explicitassem, com a máxima franqueza, opiniões divergentes da ideologia antibrasileira, repressora e autoritária, assumida e divulgada por gente que vê “erros” por todo lado e que acredita no mito da existência, num tempo longínquo, de uma “época de ouro” da língua, quando todos falavam “certo” e ninguém “corrompia” a mística “língua de Camões”.

A sociolinguística ainda deve ser bastante estudada explorada e estudada, pois existe o preconceito linguístico na sociedade e é necessário que as pessoas compreendam a existência dos processos comunicativos, tanto no sentido individual (aquisição da linguagem) quanto no social (variacionista).

Signorini (2002, p.76) afirma as relações entre língua e sociedade: “A língua se relaciona com a sociedade por que é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e desenvolver o mundo”

### 3.1 AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

As variações linguísticas implicam em afirmar a existência de movimentos naturais de uma língua que entra em constante alteração e adaptação por vários motivos, sendo eles culturais, sociais, geográficos, etc. Gomes (2011, p. 71) afirma que a existência de variação linguística é completamente normal:

Como já dissemos, o Brasil é um país de dimensão continental, possuindo uma área de mais de 8,5 milhões de km<sup>2</sup> e sendo dividido em 27 unidades federativas; cada uma delas com sua história, com influências de outros povos, falantes de outras línguas. É muito natural a existência de um grande número de variedades linguísticas.

O Brasil é rico em questão de variação linguística, que deve ser de fato valorizada e estudada cada vez mais para maior compreensão do desenvolvimento e funcionamento da língua portuguesa. Falar do impacto da variação linguística automaticamente implica também em tratar de questões importantes da língua, como cita Mussalim e Bentes (2012, p.35) “Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico”.

Bagno (2007) classifica as variações linguísticas em variação diatópica; variação diastrática; variação diamésica; variação diacrônica e; variação diafásica. A variação em que este trabalho se baseia é a variação diatópica, bem definida por Bagno (2007, p.46.): “Variação diatópica – também conhecida como geográfica, é verificada na comparação entre as maneiras de falar de diferentes lugares, como zona rural e zona urbana dentro de um país com falantes da mesma língua”.

O interessante a acrescentar é que o município de Oiapoque abraça uma enorme variação linguística regional, pois é uma cidade cujos habitantes são compostos além dos próprios oiapoqueenses, por pessoas de outros estados, indígenas (tanto das aldeias brasileiras, como da Guiana Francesa) e é frequentado por franceses e pessoas de diversas nacionalidades. Por si só, este local já tem uma variedade bem particular, fora os processos individuais de fala.

## **4 KARIPUNA DO AMAPÁ**

### **4.1 OS KARIPUNAS: POVOS INDÍGENAS DO AMAPÁ**

O termo “Karipunas do Amapá” é assim adotado por existir outros karipunas, mas que são do estado de Rondônia. Tassinari (2003) afirma que o termo “Karipuna” é usado como “autodenominação” pela própria população a fim de marcar sua identidade de “índios misturados” e/ou “civilizados” e que de fato é característica e é marca desta população heterogênea. Vidal (2009, p.17) afirma também:

Os Karipuna são uma população bastante heterogênea do ponto de vista étnico. Famílias provenientes das missões portuguesas, falantes da língua geral do Amazonas, denominadas Tapouyes pelos franceses, que provavelmente também estiveram aldeadas em missões no litoral da Guiana, percorrem ao longo do século XIX a costa do Amapá até atingir o Baixo Oiapoque. Também são nomeadas Garipons e Caripounes pelos viajantes do século XIX que as encontram nos rios Uanarri, Curipi e Uaçá. São identificados como Karipuna pela Comissão Rondon, que visitou a região em 1927. Hoje, ocupam o rio Curipi em quatro aldeias maiores e inúmeras localidades, inclusive cinco aldeias ao longo da BR156, sendo dois antigos postos de vigilância.

Depois que o ramal da aldeia Manga foi feito, os indígenas passaram a ter mais contato com a população não-indígena e isso acarretou em alterações nos costumes e tradições, Vidal (2009, p. 15) colabora com o assunto:

Todo esse intercâmbio entre os grupos indígenas com as populações não-índias da região fez com que os quatro povos indígenas desenvolvessem características culturais comuns, mas o intenso contato não apagou as especificidades de cada grupo. Cada povo indígena do Oiapoque apresenta variações desta tradição cultural mais ampla, mantém uma identidade própria, historicamente construída, possui uma configuração social, política e religiosa específica e controla um dos grandes rios e suas adjacências.

## 4.2 A LÍNGUA FALADA PELOS KARIPUNAS

A língua falada pelos indígenas da etnia Karipuna em geral é definida como uma língua crioula do tipo francês, alguns autores denominam esta língua como *Khéuol* ou *Patois/ Patuá*. Vidal (2000, p.2) caracteriza a língua da seguinte forma:

Atualmente a população Galibi-Marworno tem como língua materna uma variação do crioulo falado na Guiana Francesa. Esse idioma é utilizado como língua franca dos povos indígenas do baixo Oiapoque, que reconhecem diferenças fonéticas entre aquele falado pelos Karipuna e o falado pelos Galibi-Marworno. Esse crioulo “indígena” distingue-se do crioulo “negro” da Guiana Francesa em aspectos fonéticos e lexicais que ainda não foram suficientemente estudados.

A Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque no seu livro *Plano de vida dos povos e organizações indígenas do Oiapoque: Eixos Temáticos, Diretrizes e Ações Estratégicas* (APIO, 2009, p.12) fala sobre a língua materna, que é denominada como *patoá francês*:

Atualmente há cinco aldeias Karipuna às margens da rodovia. Uma aldeia mais antiga, no lado brasileiro do rio Oiapoque acabou sendo incluída na Terra Indígena Galibi, e há também uma aldeia na Terra Indígena Juminã. Falam o patoá francês, considerado a língua nativa e usado ao lado do português em todas as manifestações públicas. As crianças são alfabetizadas em patoá, apesar de muitas falarem o português em casa.

Além de um breve contexto histórico da língua dos Karipuna, Guedes (2005, p. 50) menciona a língua crioula como língua atual:

(...) Carregavam os nomes fortes e santos, principais troncos formadores dos atuais Karipuna e falavam principalmente o Nheengatu, a língua geral desenvolvida pelas Missões Jesuíticas na Amazônia. Outros, a maior parte, falavam o português. Posteriormente, ambas as línguas – o português e o tupi – foram substituídas pela língua crioula, atualmente língua do grupo, ressaltando-se que alguns falam o português como L2.

Campetela, Santos, Silva e Silva (2017, p. 152) colaboram com esta definição bem clara e objetiva:

Na segunda parte, apresentamos o que se faz no Brasil em termos de documentação linguística, mais especificamente, nas Terras Indígenas do Norte do Amapá, citando os projetos em andamento que buscam revitalização e promoção das línguas indígenas dessa região, quais sejam: Kheuól, falado pelos Galibi-Marworno e Karipuna, língua crioula de base francesa, e Parikwaki, também conhecido por Palikur (Arawak), falada pelos Palikur-Arukwayene.

A definição que este trabalho segue como aporte teórico principal é de Adolf Tobler e S. Joy Tobler, que produziram trabalhos e pesquisas acerca da gramática e dicionário da língua falada pelos Karipuna do Amapá. Produções estas que representaram o grupo Associação Internacional de Linguística (AIL).

Tobler (1983, p.6) define de forma breve a origem da língua como um dialeto do crioulo francês: “The Karipunas today speak a dialect of the Guianese Creole, but appear to have retained some words of their original language (particularly in names of fauna and flora), as well as incorporating some Portuguese words.”<sup>1</sup>. Tal definição nos mostra que a forma de comunicação do povo Karipuna caracterizava particularidades e certa independência da língua crioula guianense a base francesa a qual ela se sucedeu, a ponto de considerar a existência de uma língua e que ela se chamaria “crioula karipuna”.

A língua falada pelos Karipuna é o crioulo, mas como uma forma de denominá-la mais específica deste povo indígena, S. Joy Tobler (1983) apresenta-nos a gramática “*The Grammar of Karipuna Creole*” e Alfred Tobler (1987) cria o dicionário “*CRIOULO KARIPÚNA/ PORTUGUÊS PORTUGUÊS/ CRIOULO KARIPÚNA*”.

---

<sup>1</sup> Os Karipuna hoje falam um dialeto do crioulo guianense, mas parecem ter retido algumas palavras de sua língua original (particularmente em nomes de fauna e flora), bem como incorporando algumas palavras portuguesas. (Tradução nossa)

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

Sabe-se que a cidade de Oiapoque passa por vários tipos de variações e que cada habitante passa por um processo de aquisição de linguagem também individual. Após os processos metodológicos, se pode concretizar o seguinte fato: Existem palavras de origem crioula karipuna que trafegam tranquilamente no dia-a-dia dos moradores do município de Oiapoque. As sete palavras que selecionamos como foco da nossa pesquisa estão na tabela abaixo, segundo Adolf Tobler (1983) dicionário “*CRIOULO KARIPÚNA/ PORTUGUÊS PORTUGUÊS/ CRIOULO KARIPÚNA*” e sua tradução com base no manual:

Tabela 2 – Sete palavras em língua crioula karipuna e suas respectivas traduções em português.

Palavras em língua crioula karipuna Tobler (1983).	Tradução para o português Tobler (1983).
Axte (p. 3)	Comprar
Bofi (p. 9)	Genro
Djilo (p. 14)	Água
Lajã (p. 42)	Dinheiro
Madam (p. 47)	Senhora
Mãje (p. 49)	Comer
Muxe (p. 53)	Senhor

Fonte: Adolf Tobler (1983).

Através das coletas de áudio, pôde-se perceber que os informantes têm de fato o conhecimento das palavras da tabela acima e sabem aplicar em frases em diferentes contextos de comunicação.

Tabela 3 – Palavras em língua crioula karipuna e as traduções segundo os informantes

Palavras em língua crioula karipuna (Tobler, 1983).	Tradução segundo os informantes
Axte (p.3)	Comprar
Bofi (p.9)	Namorado/ homem que se relaciona com homossexuais/ homossexual
Djilo (p.14)	Água
Lajã (p.42)	Dinheiro
Madam (p.47)	Senhora/ mulher
Mãje (p.49)	Comer
Muxe (p.53)	Senhor/ índio

Fonte: Própria.

A tabela 3 foi produzida através das palavras pertencentes à etnia karipuna segundo Tobler (1983) e dos dados coletados dos informantes. No roteiro da entrevista, propusemos aos entrevistados que pudessem definir as palavras acima, da língua crioula karipuna de acordo com o seu entendimento e as respostas simplesmente não tiveram alterações, como estão “traduzidos” acima.

Em momentos de entrevistas podemos perceber também que existem diversas outras variações linguísticas do município que ocorrem de forma natural por esta população e que não se encontram no material sociolinguístico do próprio estado, o Atlas Linguístico do Amapá, que contempla o município em questão, mas que esquece as variedades linguísticas pertencentes nesta cidade.

Abaixo, apresenta-se o quadro dos informantes com seus dados como mencionados no item 5.1, acrescentando que colocamos apenas as iniciais do nome, para preservar o anonimato, de modo que não deixe a veracidade da pesquisa comprometida.

Tabela 4 – Dados dos informantes

NOME	IDADE	SEXO	PROFISSÃO	TEMPO DE MORADIA NO MUNICÍPIO
AR	45	M	CATRAIEIRO	31
BM	22	M	CATRAIEIRO	20
CR	40	M	CATRAIEIRO	17
DD	51	M	CATRAIEIRO	25
EM	42	M	CAMBISTA	15
FA	22	M	ESTUDANTE	22
THC	26	F	ESTUDANTE	26
JBS	43	F	PROFESSORA	43
MVV	50	F	PROFESSORA	19
AVV	45	F	DONA DE CASA	30
JFV	43	F	SERVENTE	19
JDJ	61	F	DIGITADORA	25
DSB	28	D	ESTUDANTE	28
JB	45	M	PROFESSOR	45
DS	26	M	ESTUDANTE	26

Fonte: Próprio autor.

Como a tabela 4 mostra, os informantes têm entre 20 a 61 anos e todos residem no município há mais de 15 anos. Através dessas coletas, podemos perceber que é de fato um aglomerado de variações em um simples município, o que transforma este município com variações linguísticas bem particulares de tal região.

As tabelas abaixo são respostas à pergunta: O que significa *axte/ bofi/ djilo/ lajã/ madam/ mãje* e *muxe*? Cada pergunta foi feita para que também pudéssemos ter as respostas do mesmo jeito. Estão abaixo as cinco respostas mais relevantes.

Tabela 5 – Palavra “axte”

PALAVRA: <i>AXTE</i>
Informante FA: “comprar”
Informante CR: “comprar”
Informante JDJ: “comprar”
Informante THC: “comprar”
Informante DD: “tô comprando”

Fonte: Próprio autor.

Tabela 6 – Palavra “bofi”

PALAVRA: <i>BOFI</i>
Informante EM: “bofi eu sei, é quando um cara tem um caso com um gay e chama ele de bofi”
Informante FA: “é um ficante”
Informante AR: “na nossa linguagem são aqueles namorados de homossexual”
Informante CR: “bofi é homossexual”
Informante DD: “acho que significa amante né”

Fonte: Próprio autor.

Tabela 7 – Palavra “djilo”

PALAVRA: <i>DJILO</i>
Informante AR: “é água”
Informante CR: “água”
Informante DD: “é água”
Informante FA: “beber água”
Informante EM: “djilo é água”

Fonte: Próprio autor.

Tabela 8 – Palavra “lajã”

PALAVRA: <i>LAJÃ</i>
Informante MVV: “dinheiro”
Informante THC: “dinheiro”
Informante JDJ: “dinheiro”
Informante JBS: “dinheiro”
Informante AVV: “dinheiro”

Fonte: Próprio autor.

Tabela 9 – Palavra “madam”

PALAVRA: <i>MADAM</i>
-----------------------



Informante AVV: “senhora ou mulher”
Informante THC: “senhora”
Informante MVV: “senhora”
Informante JBS: “senhora”
Informante JDJ: “senhora”

Fonte: Próprio autor.

Tabela 10 – Palavra “mãje”

PALAVRA: <i>MÃJE</i>
Informante JFV: “comer”
Informante MVV: “comer”
Informante JBS: “comer”
Informante THC: “comer”
Informante AVV: “comer”

Fonte: Próprio autor.

Tabela 11 – Palavra “muxe”

PALAVRA: <i>MUXE</i>
Informante FA: “muxe é senhor”
Informante EM: “muxe é senhor, quer dizer”
Informante AR: “é senhor”
Informante DD: “é senhor, também”
Informante BM: “brasileiro e senhor também”

Fonte: Próprio autor.

É notável o grau de intimidade que os informantes têm com a maioria das palavras, a ponto de definir o significado como se fosse de fato da sua língua materna.

O ponto mais intrigante da análise das palavras foi a mudança da palavra “bofi”, pois segundo os informantes declaram sempre uma definição totalmente diferente daquela apresentada no dicionário *“CRIOULO KARIPÚNA/ PORTUGUÊS PORTUGUÊS/ CRIOULO KARIPÚNA”* (1983) de Adolf Tobler.

Tabela 12 – O caso especial da palavra “bofi”

Bofi segundo Tobler (1983)	Bofi segundo os informantes
Genro	Homossexual. Amante. Ficante. Espécie de elogio para o homem desejado.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho teve-se a possibilidade de perceber a importância das variações linguísticas no contexto social do município de Oiapoque, pois é notável que as variações ocorridas neste município implicam em variedade única desta região, por fatores geográficos e culturais. Este trabalho oportunizou pesquisa de campo bastante eficaz e reflexiva acerca dos estudos sociolinguísticos, bem como, os estudos de variação diatópica.

Estudos como este são de fator colaborativo e contemplam diversas áreas de estudo como: antropologia, etnolinguística, história e, principalmente, a sociolinguística e a dialetologia.

Foi observado e constatado através da pesquisa de campo que existem outras palavras de diversas origens que são utilizadas no município em questão, que podem servir de investigação para trabalhos futuros.

Ao concluir esta pesquisa, observou-se através da metodologia utilizada, que as variações sociolinguísticas da língua portuguesa, empregadas no contexto social e comercial pelos falantes nativos e habitantes do município de Oiapoque são de origens variadas até mesmo por ser uma fronteira binacional, fator influenciador de mais variações e mais singularidade no município em questão.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSOCIAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE. *Plano de vida dos índios e organizações indígenas do Oiapoque*. Oiapoque: APIO, 2009.

*Atlas Linguístico do Amapá*/ Abdelhak Razky, Celeste Maria da Rocha Ribeiro, Romário Duarte Sanches. – São Paulo: Labrador, 2017.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. *Preconceito Linguístico*– 56º ed. revista e ampliada – São Paulo; Parábola Editorial, 2015.

CAMPETELA, Cilene; SANTOS, Gélsama Mara Ferreira dos; SILVA, Elissandra Barros da; SILVA, Glauber Romling da. *Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá*. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, n.1 jan de 2017, p. 151-167. ISSN 2238-975X 1. [<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl>]

CONTE, Maria Irene de. *A ponte sobre o rio Oiapoque: Uma ponte “transoceânica” entre o Brasil e a França, o Mercosul e a União Européia?* Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo/ Faculdade de Filosofia Letras Ciências Humanas, Departamento de Geografia, São Paulo, 2007.

COSTA, Rosemary. *Martinica Ontem*. Oiapoque, 2010.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUEDES, Waldenise Maria Martins. *Línguas em contato no Oiapoque: As comunidades indígenas Karipuna*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará. Centro de Letras e Artes, Pará, 2005.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. *Metodologia do ensino de língua portuguesa*. Curitiba: Ibplex, 2007.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos metodologia científica*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001

LYONS, John. *Lingua(gem) e linguística: uma introdução*/ John Lyons; tradução Marilda Winkler Averborg, Clarisse Sieckenius de Souza. – [Reimpr.]. – Rio de Janeiro: LTC, 2013.

MALHOTRA, N. *Pesquisa de marketing*. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MORAIS, Paulo Dias. MORAIS, Jurandir Dias. *O Amapá em perspectiva: uma abordagem histórico-geográfica*. Macapá: Gráfica J.M., 2005.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina [Orgs.]. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2012.

Oliveira, Maxwell Ferreira de. *Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração*. Catalão: UFG, 2011.

ROMANI, Carlo. *A história entre o oficial e o lendário: interações culturais no Oiapoque*. Antíteses, vol. 3, n. 5, jan.-jun. de 2010, pp. 145-169. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/3296/4906>. Acesso em 13/08/2019.

SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2002.

SOARES, Marcelo André. *Amapá: vivendo a nossa História: história regional, 4. Ou 5. Ano*/ Marcelo André Soares, Maria Emília Brito Rodrigues. – 2. Ed. – Curitiba, PR: Base Editorial, 2011.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. *No bom da festa: O Processo de Construção Cultural das Famílias Karipuna do Amapá*. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

TOBLER, Alfred W. *Dicionário do Crioulo karipúna/ português Português/crioulo karipúna*. Summer Institute of Linguistics, Brasília, DF, 1987.

TOBLER, S. Joy. *The grammar of Karipuna Creole*. Sociedade Internacional de Linguística, Brasília, DF, 1983.

VIDAL, Lux B. *Galibi Marworno: cotidiano e vida ritual*. 2000. Disponível em: [www.institutoiepe.org.br](http://www.institutoiepe.org.br). Publicado em: <http://www.socioambiental.org/pib/epi/galibi-marworno/gmarworno.shtm>. Acesso em: 13/08/2019.

Saussure, Ferdinand de, 1857-1913. *Curso de lingüística geral*; organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. Ed. -- São Paulo: Cultrix, 2006.